

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

# ÉTICA E LIBERTAÇÃO EM PAULO FREIRE

Evandro Luiz Ghedin<sup>1</sup>

## Resumo

A ética proposta por Paulo Freire implica numa responsabilidade existencial com a liberdade e a libertação do oprimido. Constitui-se num processo político que visa a construção de uma outra sociedade.

A ética libertadora de Paulo Freire é uma práxis radical de combate a toda e qualquer forma de opressão.

## Abstract

Paulo Freire's ethics deals with an existential responsibility with liberty and the freedom of the oppressed man. It happens in a political process and its goal is the construction of a new society.

Paulo Freire's ethics that aims freedom is a radical praxis of combat against all kinds of oppression.

A proposta ética de PAULO FREIRE supera a identidade cultural do centro-europeu, pois na sua reflexão-ação esteve sempre presente a sensibilidade e o compromisso de responsabilidade, que exige a ação refletida. Propõe uma pedagogia da libertação do ser oprimido, uma desopressão do não-ser construído sócio-cultural e historicamente. Esta proposta pressupõe o diálogo, a liberdade e um autêntico processo de conscientização. Assume uma postura antropológica como fundamento, postura e ação, isto é, assume a "inconclusividade" do ser humano, a sua inserção permanente num movimento dialético de procura, que proporciona uma epistemologia que supera a pura e simples transmissão de conhecimento, que modifica e transforma não o objeto, mas o sujeito-objeto se transforma no ato epistemológico transformador do mundo. Isto quer dizer que a nossa responsabilidade ética é um compromisso universal, pois educadores e educandos não podem escapar à sua rigorosidade. Não há como fugir da ética que condena o

---

<sup>1</sup>. Licenciado em Filosofia; Especialista em Antropologia, Filosofia e Existência e mestrando em Educação.

cinismo do discurso mistificador da realidade, “que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente (...). A ética de que falo é a que se sabe traída na perversão *hipócrita* em *puritanismo*. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe”<sup>2</sup>. É um compromisso responsável, anterior à consciência do “eu”, não de identidade, mas de alteridade do outro. Supera-se as amarras, amargas do egoísmo, dos interesses pessoais, para assumir a diferença e o compromisso histórico com o outro que sofre a opressão sem ter consciência das causas do próprio sofrimento.

Isto nos faz mergulhar na natureza ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana. É que nos achamos de tal maneira submetidos ao comando da malvadeza da ética do mercado, que me parece ser pouco tudo o que fazamos na defesa e na prática da ética universal do ser humano. “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”<sup>3</sup>.

Deste modo, no dizer de PAULO FREIRE a ética é ontologia constitutiva do ser humano no mundo. Quando se fala de ética universal se está falando da marca da natureza humana, da vocação ontológica para o ser mais, que inaugura uma antropologia fundada no ser-fazer, constituindo-se social e historicamente. Mais do que um ser no mundo o ser humano se tornou uma *presença* no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que se pensa a si mesma, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a ética e se impõe, intrinsecamente, a responsabilidade para com o ser oprimido<sup>4</sup>.

“Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo”<sup>5</sup>. O ser humano não é nunca determinado, mas determinante de seu ser no mundo. Somos condicionados, mas não determinados. A história é tempo de possibilidade, é abertura e realização, é espaço e tempo em

---

<sup>2</sup>. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, 17.

<sup>3</sup>. *Idem*, 19.

<sup>4</sup>. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*, 19-21

<sup>5</sup>. *Idem*, 21

aberto. O ser humano se antropologiza na história, é nela que nos libertamos dos condicionantes do ser, nos livramos das amarras do egoísmo e nos vemos responsáveis pela liberdade do outro. O ser humano é dever-ser da alteridade, que na subjetividade da consciência e da liberdade se responsabiliza pela conscientização e libertação do não-ser que o “ser” do sistema condiciona e oprime. Deste modo, libertar as consciências da sua condição de oprimido é um ato libertador, no sentido de uma práxis política que visa a constituição da justiça. A ética, enquanto compromisso de responsabilidade com o outro, se concretiza na justiça e numa sociedade justa.

É nesta dimensão que PAULO FREIRE concebe a libertação, enquanto pedagogia da conscientização que visa a formação da autonomia (sócio-política-econômica) do cidadão para intervir sobre a realidade. Por causa desta postura a educação não é nunca neutra, mas é sempre um ato político libertador. No sentido de que é uma proposta pedagógica de compromisso com a transformação da sociedade e do próprio ser humano. Desta forma, a educação é um processo ético-educativo que se concretiza, enquanto práxis, no ato político transformador, isto é, o ato pedagógico é, intrinsecamente, um ato ético, quando comprometido com a prática da justiça na transformação da sociedade. É o dever-ser que se sobrepõe ao estar-aí, enquanto práxis que rompe com as injustiças do tempo presente. Por outro lado, se poderia afirmar que qualquer prática político-pedagógica que aliena, oculta e mistifica a realidade é uma prática anti-ética e contra a natureza antropológica do ser humano.

No dizer-ser de FREIRE a educação-ética é um processo de libertação política que visa a construção de uma sociedade democrática, pois só uma sociedade autenticamente democrática pode produzir uma educação democrática, mas se a escola, e com ela o educador, não assumir o seu papel de formação para a democracia e participação jamais atingiremos uma sociedade construída por cidadãos, pela liberdade e autonomia do ser negado. A educação é um ato ético-político-pedagógico que se articula em pólos antagônicos, mas não opostos, que constroem o conhecimento, pois conscientização e libertação são elementos importantes para se entender a educação enquanto ato político-ético comprometido com as mudanças significativas da sociedade, pois enquanto se pensar o ato pedagógico como ato “neutro” estaremos reproduzindo a política da neutralidade e colaborando para que a sociedade continue produzindo um modelo de educação que não se questiona sobre a realidade. Mais que isto, enquanto não se entender (e praticar) a educação como ato profundamente ético-político estaremos reproduzindo um sistema opressor

, marginalizador e excludente. Neste sentido a educação-ética é meio que tem como fim a liberdade pessoal, individual e social, não a liberdade do neoliberalismo mercadológico, mas a liberdade que é compromisso responsável pela libertação política de toda e qualquer forma de opressão. Combater a opressão é tarefa essencial de qualquer prática pedagógica, pois enquanto houver um único ser oprimido a humanidade ainda estará sofrendo as dores de parto da autêntica humanidade. Enquanto a opressão for presente, negando o ser, impondo o não-ser, significa que o homem ainda não atingiu a plenitude de ser humano. Por isto a educação deve construir, no interior de uma humanidade injusta, luta e compromisso responsável com a justiça, enquanto igualdade de condições para todos na prática das virtudes.

A educação ao longo de décadas tem pervertido as relações humanas e condenando grandes massas de classes trabalhadoras ao conformismo e a alienação; justamente por ser a lógica do sistema. É preciso romper, radicalmente, com esta lógica. Não há saída senão pela participação política do educador-educando, pois somente assim poderemos construir uma práxis libertária capaz de oferecer elementos para que o educando-educador leia e compreenda a realidade, sua face mais cruel, em que está inserido. Dando-se conta do meio no qual se insere e se dando conta das causas de sua opressão poderá libertar-se de toda forma de conformismo e alienação encontrando e apontando caminhos (pois eles não estão prontos - não há receita) para a participação ética-política de toda a sociedade. Isto é possível pelo fato de que a prática pedagógica é uma prática específica que se relaciona dialeticamente com as idéias pedagógicas, que se liga intimamente ao ato político consciente. Desta forma, a relação existente entre reflexão, método e contexto são impressindíveis para a educação como processo político. A educação ética-política estabelece uma relação dialética entre educação e política, ao mesmo tempo em que abre um caminho novo entre a política e a educação, pois a prática pedagógica é uma prática política que *deve* tornar-se uma práxis enquanto ação-reflexão-ação que transforma o mundo.

Então, a educação é uma prática refletida. Um discurso teórico-prático que se dá na vivência cotidiana do fazer-ser pedagógico. A política não é só uma ação e a educação não é só uma prática, mas ambas são ações - reflexões que conduzem o educador-educando a um pensar sobre a transformação de si e da sociedade que está em constante mutação. Assim, a proposta por uma educação política quer ser um caminho para o FAZER-SER pedagógico: o de um projeto pedagógico capaz de gerar libertação política com firmes bases éticas. O ato pedagógico é um ato político

que só é autêntico na medida em que for libertador das estruturas de uma sociedade opressora e repressora da liberdade humana.

A contribuição (entre outras) de PAULO FREIRE para a construção da pedagogia libertadora consiste em haver chamado a atenção para a existência de projetos globais e de projetos pedagógicos de dominação nos campos social, econômico, político e cultural. Contudo, mostrou que é possível pensar projetos globais ou projetos pedagógicos de libertação e entre as libertações necessárias ao povo brasileiro, a econômica é a mais urgente.

Para PAULO FREIRE a educação é um processo de libertação, pois permite que os sujeitos assumam uma posição de denúncia das estruturas desumanizantes e de anúncio de um novo projeto de sociedade. Este anúncio supõe o conhecimento da realidade e a transformação da mesma, pois constituem o fim da pedagogia da libertação. Para que este processo se desencadeie é necessário, na teoria freiriana, o diálogo, como condição elementar para a libertação política, pois a libertação política dá-se num processo social que tem no diálogo a mediação na construção de uma sociedade libertada politicamente. Para PAULO FREIRE o diálogo se define como essência do processo de conhecimento e é a essência da pedagogia libertadora. O diálogo fundamenta a crítica e garante a verdadeira educação. O diálogo conscientiza e permite a posse da realidade, que conhecida criticamente exige uma transformação. Este conhecimento crítico da realidade se dá pela conscientização mediada pelo diálogo e se expressa como processo de uma pedagogia transformadora e libertadora da realidade oprimida.

Esta consciência conscientizadora é uma ética que assume a responsabilidade radical com a liberdade-libertadora do outro, que na condição de oprimido interpela pela ação que o desoprima das amarras do sistema opressor. Esta práxis, imposta pelo imperativo ético do qual não podemos fugir, exige uma mudança radical no modo de SER-FAZER pedagógico. Exige uma postura crítica diante da realidade, uma mudança de atitude diante do educando por parte do educador. Compromete, não com o sistema, mas com a quebra da lógica do sistema. Empurra, radicalmente, o ser para o futuro, que já se faz presente na consciência dos que se comprometem eticamente com esta responsabilidade libertadora.

A liberdade é o ponto central da concepção educativa de PAULO FREIRE e a libertação é o fim da educação. A finalidade será libertar-se da realidade opressiva

e da injustiça. A educação visa a libertação, a transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos de sua história e não como objetos.

De certo modo PAULO FREIRE volta-se para a subjetividade humana (enquanto liberdade-consciência-responsabilidade, constitutiva da humanidade) para firmar a objetividade de sua ação, pois é no interior do ser humano que se operam as mudanças mais radicais, capazes de transformar e de revolucionar o mundo, isto é, o ser humano se faz sujeito de si, se recompõe na dimensão do ser, rompendo radicalmente com o não-ser do sistema centro-europeu e da periferia, age assumindo a justiça enquanto exigência fundante da dignidade e da liberdade humana. Esta liberdade comprometida com o outro é assumida na libertação da consciência oprimida. É do interior da consciência responsável pela libertação do outro que nasce a possibilidade de um outro mundo fundado na prática das virtudes e não no domínio do moralismo justificador do sistema. É somente no rompimento da cultura opressora que o ser-oprimido se libertará econômica e politicamente. A libertação proposta por PAULO FREIRE significa um corte radical na lógica imperialista e um compromisso responsável com o ser-oprimido, vítima inocente e inconsciente da mistificação político-pedagógica a que está submetido.

Olhar a prática pedagógica de PAULO FREIRE significa romper com a história, com esta história mundial de opressão, dominação e enveredar por caminhos que nos possibilitem uma postura ética-pedagógica-política capaz de construir, nas ruínas do homem pós-moderno uma outra humanidade que responda significativamente o sentido do ser no mundo, para o mundo e com o mundo. A resposta ético-política proposta por FREIRE pressupõe um caminho de liberdade, um movimento dialético da opressão à libertação, do condicionamento ao incondicionado sujeito de si e da história de seu tempo. A libertação é um compromisso ético-político-educativo com o ser-do-homem-no-mundo, que se move para além dele, que nega o não-ser europeu (primeiromundista) e põe-se, pela prática da justiça, uma outra antropologia. Uma antropologia fundada na responsabilidade, anterior à consciência e à liberdade, comprometida não só com o rosto do outro como propõe LÉVINAS, mas com todo o ser-no-mundo transformado e libertado de toda condição opressora. Pensar e refletir sobre a ética-libertadora e a libertação-ética de PAULO FREIRE é comprometer-se radical e seriamente com a causa do oprimido e com a sua mais autêntica libertação, libertadora, inclusive, da própria libertação.

## BIBLIOGRAFIA

1. FREIRE, Ana Maria Araújo. "Um pouco de Minha Vida com Paulo Freire" *Cultura Vozes*. Petrópolis, v.91, n. 4, p.3-13, jul.-ago., 1997.
2. FREIRE, Paulo. *Educação como Prática de Liberdade*. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
3. \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
4. \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
5. \_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
6. GADOTTI, Moacir. "Idéias e Fatos. O Legado de Paulo Freire" *Cultura Vozes*. Petrópolis v.91, n. 4, p. 155-165, julho-agosto de 1997.
7. \_\_\_\_\_. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez - Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.
8. LAMPE, Armando (Org.). *Ética e a Filosofia da Libertação*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Cehila, 1995.
9. LÉVINAS. Emmanuel. *Humanismo do Outro Homem*. Petrópolis: Vozes, 1996.